

EDITORIAL

2020: utopia e a distopia e a *yout(uber)ização* do trabalho docente

PROF. DR. HÉLIO ARTHUR REIS IRIGARAY ¹¹ FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV EBAPE) / ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, RIO DE JANEIRO – RJ, BRASIL

Quando o século XXI ainda era um futuro distante, foi retratado como um mundo utópico (como em *Os Jetsons*), no qual os seres humanos teriam uma jornada de trabalho reduzida e, principalmente, não executariam mais tarefas repetitivas e rudes – estas ficariam a cargo de máquinas inteligentes.

No entanto, houve quem descrevesse o futuro como uma distopia (como em *Mad Max*, e em tantos outros filmes), um cenário de guerras, epidemias e devastação ambiental.

Pois bem, chegamos a 2020 e, ao final deste ano tão surpreendente (para alguns; dado que para muitos cientistas este cenário de pandemia global já era há muito esperado), deparamo-nos com um mundo “dis-utópico”, no qual os Jetsons vivem no mundo de *Mad Max*. Um lugar onde a utopia retratada no desenho animado supracitado (videochamadas, telemedicina, *freezers*, micro-ondas, carros voadores, robôs) anda lado a lado com desastres naturais de proporções apocalípticas, com um processo acelerado de desertificação e hordas de desesperados (refugiados, migrantes e excluídos) marchando sem rumo; além da infinidade de zumbis, seres sem capacidade cognitiva que questionam a ciência e se limitam a reproduzir *fake news*.

Esta colisão dos possíveis futuros, concebidos no século passado, concretizou-se em 2020, de tal forma que nosso maior desafio foi buscar um sentido para nossa própria vida, o que nos permitiria, na concepção de Jung (2020-1972), enfrentar qualquer coisa.

De fato, dar sentido à própria vida é a única alternativa para suportarmos a dor pelo sofrimento alheio, a perda de familiares, amigos e de milhões de seres humanos, e enfrentarmos a solidão decorrente do distanciamento social, bem como a reconfiguração abrupta do mundo do trabalho.

Nestes últimos meses, testemunhamos o agravamento da taxa de desemprego, além da precarização do trabalho em si, ou, nas palavras de Antunes (2001, p. 6), “o desmonte dos direitos trabalhistas”. O sequestro das garantias formais dos trabalhadores, a redução unilateral e inquestionável de suas jornadas de trabalho e salários, a falta de equipamentos de segurança para garantir a sua saúde e a sua integridade física desvelaram a lógica mais perversa do capitalismo (MACHADO, GIONGO e MENDES, 2016).

Muitos destes foram reduzidos a camelôs, a trabalhadores temporários, a PJs (pessoas jurídicas), que, não raramente, são descritos – e até glorificados – como empreendedores: são os tempos da *uberização* do trabalho (FONTES, 2017). “A realidade dos docentes não foi diferente”.

Numa entrevista televisionada no período pré-eleitoral, um político asseverou que estava na hora de os professores voltarem ao trabalho. Mas quando foi que deixamos de trabalhar?

Em tempo recorde, valendo-nos de aparatos tecnológicos e mídias digitais, redesenhamos nossas aulas e atividades. Trabalhamos mais horas do que antes seria necessário e ainda fomos cobrados para despertar o interesse e promover o engajamento dos alunos. Vivemos a *yout(uber)ização* das atividades docentes.

Nas aulas, tornamo-nos responsáveis por todos os alunos manterem a câmara aberta, por participarem; devemos transmitir conteúdo, mas, ao mesmo tempo, não podemos estender nossas falas sob pena de entediarmos a audiência. Somos mestres que devem ensinar entretendo.

A *yout(uber)ização* evidencia uma relação facilmente obscurecida entre desenvolvimento tecnológico e precarização do trabalho, na medida em que potencializa sofrimentos físicos e psíquicos dos docentes.

Ansiosos e angustiados, fomos obrigados a desenvolver novas competências. Passamos a enfrentar novas fontes de estresse (além das já conhecidas): a demanda de nos reinventarmos em curto espaço de tempo (redesenhar nossas aulas e dinâmicas), a cronometragem milimétrica de nossas aulas, a ansiedade porque algo pode falhar (a *internet* cair, a luz faltar), a criação de vínculos com os alunos em um ambiente virtual; além das dores físicas por longas horas no computador e dos custos financeiros com os quais passamos a arcar (*internet*, eletricidade).

Apesar de todos estes desafios, encontramos tempo para pesquisar e produzir artigos relevantes, como estes que compõem nossa última edição do ano.

O primeiro, **“Perspectivas de carreira de jovens do ensino médio de escolas públicas: transgressão ou reprodução das condições sociais?”**, escrito por Heliani Berlato, Luciano Mendes e Danilo Andretta, analisa as perspectivas de carreiras dos jovens do ensino médio público, no que tange aos aspectos sociais, familiares, educacionais e culturais. Para tanto, discutiu-se a carreira por duas perspectivas: o sucesso e as indecisões inerentes a ela.

Marcia de Freitas Duarte, em **““The One Best Way?” Repensando a difusão do *management* e seus impactos em decisões na carreira acadêmica em Administração”**, propõe que repensemos os aspectos relacionados à origem e à difusão do ensino e da pesquisa na área de Administração. Assim, por meio de uma narrativa confessional, são apresentados o processo de desenvolvimento e legitimação do ensino e pesquisa em Administração, tendo como base a literatura que trata do americanismo e do pós-colonialismo.

Em **“Mais uma vez o conceito de gestão social”**, Fernando Guilherme Tenório e Edilson Tavares de Araújo revisitam esse conceito, que talvez seja uma quimera, um sonho que pode não se realizar, dadas as condições de “temperatura e pressão” sob as quais vivemos na contemporaneidade.

Alex Fernando Borges e Alessandro Gomes Enoque reveem a literatura do empreendedorismo publicada em língua francesa em **“Pesquisa em empreendedorismo: a produção científica francófona em perspectiva”**. Os textos foram analisados e categorizados com base na distribuição dos artigos entre os periódicos, na distribuição anual, nos principais temas de pesquisa, no tipo de abordagem, nas escolhas metodológicas e nos principais autores do campo. Os resultados indicaram predominância de temáticas específicas na produção francófona, como: fomento ao empreendedorismo, intraempreendedorismo, processo empreendedor e oportunidades, empreendedorismo feminino, finanças, educação empreendedora, perfil e comportamento empreendedor, intenção empreendedora, motivações ao empreendedorismo e empreendedorismo social.

“Pandemia do COVID-19 e mudanças no Estado: surgirá uma nova administração pública em resposta essas mudanças?”, escrito por Josep Pont Vidal, discute as consequências dos impactos causados pela pandemia do COVID-19 na administração pública, bem como sua autonomia e configuração.

Em **“Análise de viabilidade econômica financeira do uso de vinhaça para geração de eletricidade no Brasil”**, Geraldo Jose Ferraresi de Araujo e Sonia Valle Walter Borges de Oliveira analisam a viabilidade econômica do uso de vinhaça para geração de eletricidade. Como objetivo específico, os autores identificam a faixa de preço viável do MWh nos ambientes de energia livres e regulados e a capacidade produtiva das plantas para esse tipo de investimento.

Lua Syrma Zaniah Santos, Valéria Gama Fully Bressan, Vilmar Rodrigues Moreira e Romeu Eugênio de Lima examinam a relação entre o risco de crédito e a eficiência das cooperativas de crédito brasileiras no período de 2008 a 2017, em **“Risco de crédito e eficiência técnica nas cooperativas de crédito brasileiras”**.

Em **“Parcerias público-privadas de saúde e mobilidade urbana no Estado da Bahia: atual conjuntura, projetos e principais agentes envolvidos”**, Maina Pirajá Silva, Silvana Sá de Carvalho e Mariana de Oliveira Santana identificam as parcerias público-privadas (PPPs) existentes no Estado da Bahia, avaliam e comparam, por meio de estudos de caso das parcerias de saúde e mobilidade urbana, a efetividade destas mediante o exame da estruturação dos projetos, implementação e funcionamento das concessões, bem como ponderam sobre os agentes públicos e privados envolvidos e suas articulações.

“O Conselho Tutelar e as políticas públicas para crianças e adolescentes”, de Hemerson Luiz Pase, Gabriele Padilha Cunha, Marcia Leite Borges e Ana Paula Dupuy Patella, traz uma análise sobre o papel do Conselho Tutelar na consolidação da proteção e da fiscalização dos direitos de crianças e adolescentes no município de Pelotas.

Em **“Desafios da coordenação federativa da Política de Assistência Social: o papel dos estados no financiamento”**, Isabela de Vasconcelos Teixeira e Bruno Lazzarotti Diniz Costa analisam o grau, a variação e os determinantes da corresponsabilidade do financiamento da política de assistência social pelos entes estaduais, verificando a contribuição dos mecanismos de coordenação e indução federativa, apontados por vários autores como fator de sucesso.

Fabiana Tock, Eduardo José Grin e Lauro Gonzalez buscam explicar como a combinação entre as características institucionais do SUAS e as condições estruturais, institucionais e políticas presentes regulam ou possibilitam a criação de capacidades estatais. Os resultados de **“Os estados e o Sistema Único de Assistência Social: construção de capacidades estatais nos governos do Maranhão e de São Paulo”** apontaram que tais condições foram determinantes na construção de capacidades e, sobretudo, informam a respeito do papel assumido pelo governo do estado no SUAS.

Em **“Comunidade Noiva do Cordeiro: contribuições por meio de elementos de um sistema baseado em uma economia substantiva”**, Luiz Paulo Rigueira de Moraes, Wesley Silva Xavier e Daniel Calbino Pinheiro investigaram como ocorreram a formação e a interação de um sistema econômico alternativo na comunidade Noiva do Cordeiro-MG com as dinâmicas da economia mercantil.

Gustavo Henrique Carvalho de Castro e Marcus Vinicius Soares Siqueira, em **““Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não!”: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay”**, discutem a discriminação contra homossexuais, perpetrada pela injúria homofóbica, atos performativos de fala que silenciam e afastam indivíduos *gays*, reforçando o culto à masculinidade hegemônica.

Em **“Mulheres na política: emoções e desafios em dinâmicas institucionais complexas”**, Camilla Fernandes, Mariane Lemos Lourenço, Samantha Frohlich, Diogo Espejo da Silva e Flávia Obara Kai exploram o papel das emoções nas dinâmicas institucionais, especialmente quanto à participação política das mulheres nas eleições brasileiras de 2018.

Por fim, **“Do sagrado ao profano: aproximações entre a teologia cristã e a administração”**, de Aline Van Neutgem e Eloise Helena Livramento Dellagnelo, apresenta uma aproximação entre a administração e a teologia cristã.

Tenham uma boa leitura!

Prof. Dr. Hélio Arthur Reis Irigaray

Editor-chefe

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. A 'uberização' e as encruzilhadas do mundo do trabalho. **IHU On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano 15, n. 503, p. 2, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao503.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 6. reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017.
- JUNG, C. G. **Collected works of C. G. Jung**. Volume 7: Two Essays in Analytical Psychology. 2. ed. Edição Kindle. Princeton: Princeton University Press, 2020-1972.
- MACHADO, F. K. S.; GIONGO, C. R.; MENDES, J. M. R. Terceirização e precarização do trabalho: uma questão de sofrimento social. **Revista Psicologia Política**, v. 16, n. 36, p. 227-240, 2016.

Prof. Dr. Hélio Arthur Reis Irigaray

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9580-7859>

Doutor e Mestre em Administração de Empresas pela FGV-EAESP e PUC-Rio, respectivamente; Bacharel em Economia pela University of Northern Iowa, EUA; Professor adjunto da FGV-EBAPE e do programa CIM – Corporate International Masters, da Georgetown University, Washington, EUA; Líder do tema Diversidade e Relações de Trabalho, na linha de Gestão de Trabalho (ANPAD). E-mail: helio.irigaray@fgv.br